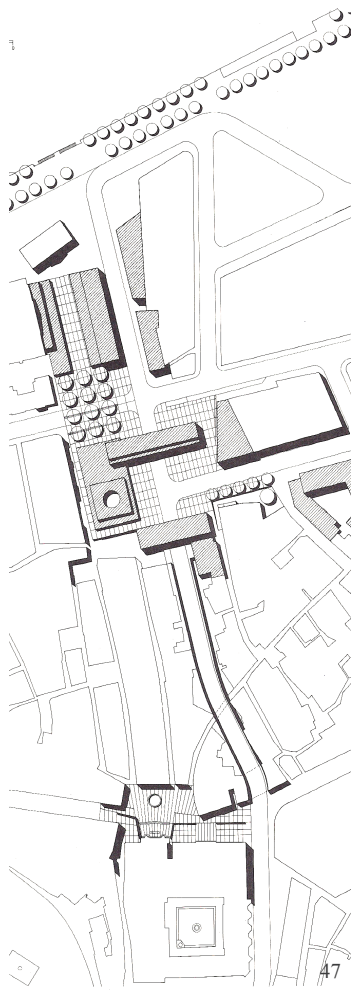


Anos '90

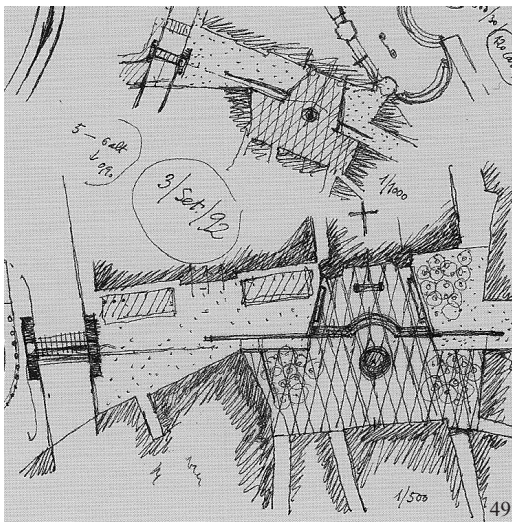
1993-97 – Praça 8 de Maio, em Coimbra

A reabilitação na baixa da cidade de Coimbra foi uma obra significativa em que se procedeu a um importante retrocesso na configuração do tecido histórico da cidade e, naturalmente, a um melhoramento dos espaços públicos afectados.

Távora procurou restabelecer uma hierarquização, retirando o protagonismo ao tráfego mecânico da Rua Visconde da Luz e devolvendo-o à Igreja de Santa Cruz, de forma a revitalizar uma apropriação do espaço que tinha uma lógica própria aquando do seu desenvolvimento, que se havia perdido e que comprometia, em parte, o desenvolvimento do espaço público. Esta alteração, em conjunto com “a construção do prolongamento da Rua de Nicolau Rui Fernandes pelo interior do quarteirão até ao cruzamento com a Avenida Fernão de Magalhães e ligação ao rio, vêm provocar novas soluções de arranjo e recuperação da Praça 8 de Maio, fronteira ao Mosteiro de Santa Cruz. A Praça actual, passando em frente da entrada da Igreja, 1,3 metros acima da soleira por efeito do tráfego mecânico da ligação da Rua de Visconde da Luz à Rua da Sofia, pode agora ser recuperada para a sua cota inicial, uma vez que desaparece aquele tráfego. Reconstituiu-se assim o valor do seu espaço inicial bem como a leitura da Igreja de Santa Cruz referenciada às ruas Direita, da Moeda, da Louça e do Corvo que aí afluíam frontalmente à fachada do monumento. A leitura tangencial da Igreja pelo eixo Visconde da Luz – Sofia é agora substituída pela leitura ortogonal daquele conjunto de ruas da estrutura medieval. Ao criar-se uma nova Praça onde actualmente se situa a zona do 'bota-abaixo' estabelece-se um pólo complementar da Praça de 8 de Maio gerando a sua dinâmica, assim o julgamos, uma capacidade de revitalização da área urbana, algo degradada, existente entre as duas Praças.”⁸⁸



⁸⁸ TÁVORA, Fernando, “Praça 8 de Maio Coimbra, 1993-1997”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.176





1995-2002 – Casa dos 24, no Porto

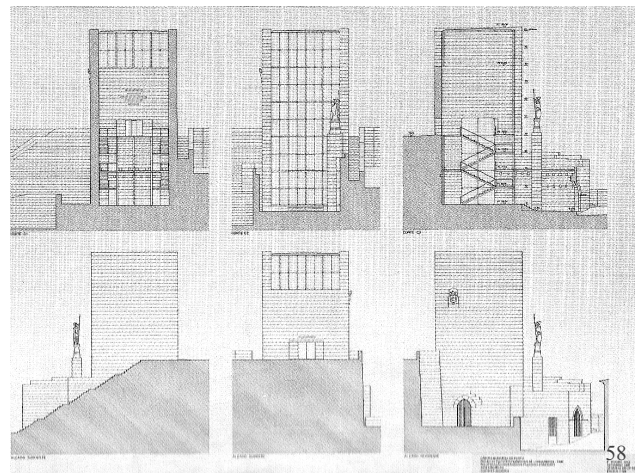
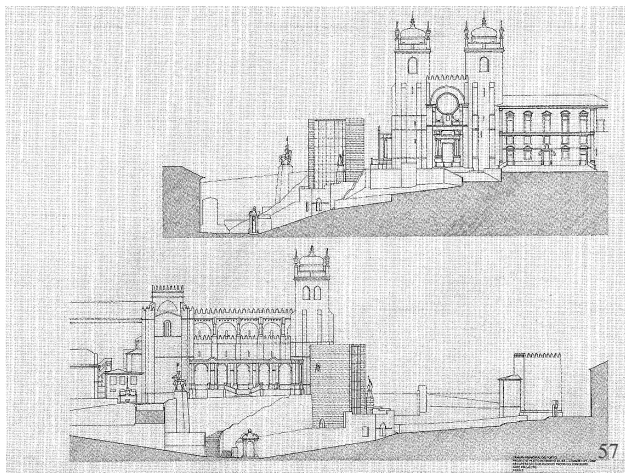
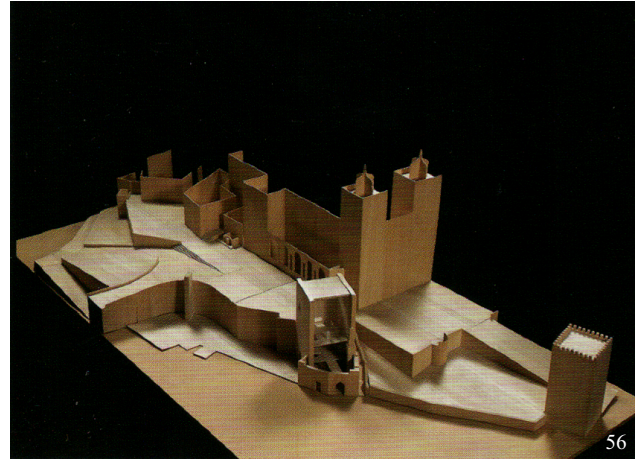
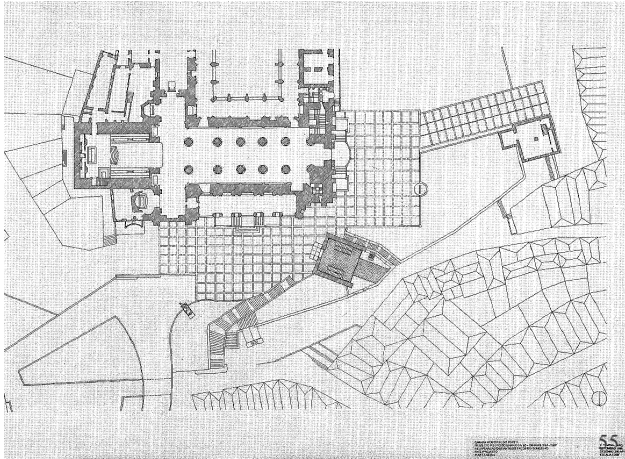
O edifício dos Paços do Conselho, mais conhecido como 'Casa dos 24', situa-se a poucos metros da Sé do Porto onde se encontram, ainda agora, vestígios, “do tecido envolvente à Catedral que as 'demolições de 40' fizeram desaparecer (...)”, facilmente identificáveis com a intervenção. “Funcionando como um obstáculo vertical, reenquadra visualmente a Sé e a sua proximidade física face à Catedral permitiu reabrir o debate sobre os limites da intervenção arquitectónica em zonas de alto valor patrimonial.”

A concepção desta obra arquitectónica não procurou responder a um programa usual, sendo a intenção do arquitecto de criar um objecto de memória, um símbolo em que a arquitectura abrange o cariz de monumento.

“No plano programático, a sua construção visa criar 'um memorial recordatório de longos anos de vida e de história da cidade do Porto' e, por isso, três pisos – à cota do Terreiro da Sé, da Rua S. Sebastião e ainda um intermédio – criam percursos e espaços de contemplação panorâmica sobre a cidade. Não havendo documentos que provem exactamente a conformação do edifício, Távora apoia-se em algumas referências históricas, nomeadamente num documento que o refere como tendo 'mais de cem palmos de altura'. Mas Távora propõe uma estrutura que evoca a antiga casa-torre, mais do que pretende ser uma reconstituição rigorosa. Assim sendo, 'uma estrutura de paredes em U, repousando sobre parte da ruína existente', ergue-se conformando três lados da torre. O quarto lado é realizado com uma parede de vidro, permitindo uma leitura abrangente da cidade e criando uma escala mais amena face à malha urbana envolvente.

Este projecto será considerado por Álvaro Siza como a 'pedra fundadora' da intervenção que propõe, em 2001, para a 'Avenida da Ponte', retomando e desenvolvendo a ideia consagrada neste edifício de reconstrução do tecido envolvente à Sé.”⁸⁹

⁸⁹ FIGUEIRA, Jorge, “Arquitectos Portugueses Contemporâneos 01 Fernando Távora”, in *Público*, Lisboa: OA – Ordem dos Arquitectos, 1 (2003)





Entre estes trabalhos referidos no texto até à última obra, muito ficou por mencionar, no entanto, para a compreensão da natureza do pensamento e consequentes opções projectuais, as breves descrições presentes, feitas a partir de citações de estudiosos, são opções direccionadas que se consideraram essenciais para a análise biográfica e contextualização do caso de estudo.

Mestre

No percurso de Fernando Távora há um compromisso entre a actividade de arquitecto e um envolvimento didáctico como professor.

Távora teve um papel fundamental no desenvolvimento da ‘Escola do Porto’ como Professor Catedrático e Presidente da Comissão Instaladora da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Foi também Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra, da qual já era professor no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

As suas últimas aulas de Teoria Geral da Organização do Espaço (1991-92/93) foram filmadas e as suas explicações que acompanhava desenhando passaram a ser registadas em grande folhas de papel de cenário. Este registo constitui-se como um importante legado tendo sendo publicado, pelas edições FAUP, em Outubro de 1993.

“As suas aulas repercutiam o tempo todo, visavam introduzir a beleza e o anedótico que permanecem viscerais”⁹⁰

“(…) Távora explica aos seus alunos que desenhar é tão natural como respirar e que o ofício de arquitectura, como qualquer outro ofício, não é apanágio de alguns iluminados.”⁹¹

“As aulas de Távora foram sempre de conteúdos renovados: não tanto por aquilo que disse de novo, mas pela multiplicidade de referências, que ultrapassam em muito o território convencional da arquitectura. Eram um lugar de participação e partilha, onde estava sempre presente o desejo de comunicação e o humor subtil e inteligente com que Távora relatava as suas histórias, experiências e saberes. Távora era um magnífico transmissor de conhecimento e sabia, como poucos, estimular a criatividade dos outros.”⁹²

“Sempre amável, afectuoso, delicado, irónico, sábio. Com ele fui aprendendo coisas às vezes aparentemente pequenas. Compreendo, sem nunca ter sido seu aluno, o inestimável contributo para o ensino de uma imensa geração.”⁹³

⁹⁰ FIGUEIRA, Jorge, “«Eu Sou a Arquitectura Portuguesa»”, in *Público*, Domingo 4 Setembro 2005, p.41

⁹¹ ALVES COSTA, Alexandre, “Fernando Távora” in TÁVORA, Fernando, *Teoria Geral da Organização do Espaço: Arquitectura e Urbanismo*, Porto: FAUP, 1993, p.IX

⁹² MENDES RIBEIRO, João, “João Mendes Ribeiro com a arq.a / entrevista por Luís Santiago Baptista e Margarida Ventosa «Não sei se há limites precisos»”, in *Arq./a*, (Junho 2007), p. 25

⁹³ GRAÇA DIAS, Manuel, “Coisas aparentemente pequenas”, in *UPORTO revista dos antigos alunos da universidade do Porto*, (Setembro 2005), nº 17, p.6



60

“A sua lição fundamental decorre simplesmente da sua capacidade única para distinguir o essencial do supérfluo ou circunstancial (...)”⁹⁴, “relacionando plenamente a Arquitectura com a Vida, afinal as bases do que o tem movido como arquitecto e professor.”⁹⁵

“Távora utiliza o seu conhecimento da história de uma forma livre, não de um ponto de vista cronológico, mas de um ponto de vista muito intuitivo e analógico. Tinha uma grande liberdade em cruzar referências e criar relações e isso é um pensamento muito difícil de encontrar, com aquela densidade e naturalidade. As aulas de Távora eram incríveis, eram muito bem estruturadas e pensadas. Ele sabia os temas que ia dar e tudo aquilo era um *mapa mundi* espontâneo que desenvolvia com facilidade. Ele riscava directamente no quadro onde ia sobrepondo histórias, sobre histórias, sobre histórias... Nos últimos anos antes de se jubilar, essas aulas começaram a ser filmadas e passaram a fazer-se em papel de cenário porque, no quadro, aquela informação se perdia. Esses documentos deram origem ao livro *A Lição das Constantes*.”⁹⁶

“Era tão conservador como iconoclasta, tão aristocrático como 'espírito livre'. Era um pessimista com uma enorme *joie de vivre*, um coleccionador que amava cada momento presente. As inúmeras histórias de prodigiosa memória que contava integravam o erudito e o episódica, sem distinção aparente. O humor não se distinguia da inteligência, apareciam juntos, como a arquitectura, a comida, as pessoas, o tempo.”⁹⁷

“Foi uma figura incontornável do século XX português (...) percebeu também que a situação portuguesa não correspondia ao ideal social, cultural e técnico sobre qual o Movimento Moderno se construiu, e por isso a sua obra rapidamente emerge no contexto local. Fica associada à sua carreira a sensibilidade e o profundo conhecimento da sociedade para a qual trabalhava. A sua dimensão é o local e universal em simultâneo.”⁹⁸

⁹⁴ ALVES COSTA, Alexandre, “Fernando Távora” in TÁVORA, Fernando, *Teoria Geral da Organização do Espaço: Arquitectura e Urbanismo*, Porto: FAUP, 1993, p.VII

⁹⁵ TÁVORA, Fernando, “Entrevista a Fernando Távora/ Victor Neves, Renata Amaral, Alberto Santos (fot.)” in *Arq.A*, (Jul.-Ago. 2001), p.22

⁹⁶ PACHECO, Pedro, *Entrevista a Pedro Pacheco*, Lisboa, 4 de Junho 2010, (em anexo p.173)

⁹⁷ FIGUEIRA, Jorge, “«Eu Sou a Arquitectura Portuguesa»”, in *Público*, Domingo 4 Setembro 2005, p.41

⁹⁸ TOUSSANT, Michel, “Local e universal em simultâneo”, *Ibidem*

Para além da obra

Fernando Távora jubilou-se na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 1993. Além da sua actividade no ensino e como profissional liberal com escritório em nome próprio, participou nas intervenções dos SAAL, Serviço Ambulatório de Apoio Local, criado em 1974, que consistia em apoiar, com contribuição do Município, algumas iniciativas da população que vivia em condições de alojamento precário em favor da requalificação urbana.

Neste contexto, Fernando Távora participou nas intervenções envolvendo também os alunos da Escola do Porto em questões reais que possibilitaram pôr em prática ensinamentos antropológicos.

Fernando Távora foi ainda:

- Arquitecto da Câmara Municipal do Porto;
- Consultor da Câmara Municipal de Gaia;
- Consultor do Comissário para a Renovação Urbana da Área Ribeira/Barredo;
- Consultor do Gabinete Técnico da Comissão de Planeamento da Região Norte;
- Consultor do Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal de Guimarães;
- Membro da ODA (Organização dos Arquitectos Modernos);
- Membro da Associação dos Arquitectos Portugueses e da União Internacional dos Arquitectos;
- Delegado das Instituições de Ensino no Comité Consultivo para a Formação no
- Domínio da Arquitectura (CE);
- Académico Correspondente da Academia Nacional de Belas Artes.

Fernando Távora foi congratulado com:

- 1º Prémio de Arquitectura da Fundação Calouste Gulbenkian;
- Prémio Europa Nostra (Casa da Rua Nova, Guimarães);
- Prémio Turismo e Património 1985;
- Grande Prémio Nacional da Arquitectura 1987 (Pousada Santa Marinha, Guimarães);
- Medalha de Ouro da Cidade do Porto;
- Comenda da Ordem Militar de Santiago de Espada.

Memória

Morreu no dia 3 de Setembro de 2005 aos 82 anos, vítima de doença prolongada, no Hospital Pedro Hispano, em Matosinhos.

Uma das personalidades mais importantes da Arquitectura do século XX, deixou, mais do que uma obra admirável, um conjunto de valores que em muito contribuem para a qualidade da disciplina. Foi, para os arquitectos Eduardo Souto de Moura, “(...) pai da 'Escola do Porto', mas bisavô da Europa. (...) uma figura histórica, universal”⁹⁹, e para Álvaro Siza Vieira, “(...) uma pessoa humanamente extraordinária, de uma generosidade sem limites.”¹⁰⁰

Nos seus edifícios reconhece-se uma coerência natural, que repercute a apreensão das reais necessidades da Sociedade em que estava inserido. Um arquitecto defensor da continuidade, num período instável da Arquitectura na Europa, que encontrou o equilíbrio entre a Arquitectura Popular em Portugal e as novas conquistas e concepções arquitectónicas contemporâneas.

Como disse Jorge Figueira, “Távora vivia a história, não a testemunhava ou reproduzia”, o próprio afirmava “eu sou a arquitectura portuguesa.”¹⁰¹

⁹⁹ SALEMA, Isabel, “O reinventor da arquitectura moderna com sabor local”, in *Público*, Domingo 4 Setembro 2005, p.41

¹⁰⁰ SIZA, Álvaro, “Uma generosidade sem limites”, *Ibidem*

¹⁰¹ FIGUEIRA, Jorge, “«Eu Sou a Arquitectura Portuguesa»”, *Ibidem*

CONTEXTUALIZAÇÃO III ANÁLISE CRONOLÓGICA DAS OBRAS

Álvaro Siza refere “Numa primeira observação, a obra de Fernando Távora respira tranquilidade. Nenhum drama aflora.”¹⁰²; contudo, o que aqui se procura expor, é uma análise mais aprofundada que vai de encontro à conclusão do arquitecto “(...) nenhuma tranquilidade subsiste. Sob a máscara da distância, agitam-se – em primeira mão – os grandes temas da nossa transformação.”¹⁰³ De forma algo sintética podemos distinguir, através de diversos princípios metodológicos, a presença destes grandes temas que guiaram a produção arquitectónica do século XX. A diversidade metodológica surgiu simplesmente porque as obras que Távora foi realizando foram divergindo em contexto, escala e programa, o que o levou a reflectir sobre diferentes temas, em variáveis graus de intensidade e aos quais se somam progressivamente uma acrescida prática de desenho, experiência em obra, pesquisa e sensibilidade.

A Obra de Fernando Távora, a partir dos anos ‘50, poderá ser dividida essencialmente em dois períodos:

- Um primeiro período – dos anos ‘50 aos anos ‘70 – durante o qual há a concretização prática de um pensamento que evidencia valores do Movimento Moderno Internacional conciliados, de forma inédita, com princípios existentes na Arquitectura Popular averiguados e confirmados pelo *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*.

¹⁰² FERRÃO, Bernardo José, “Tradição e Modernidade na Obra de Távora 1947/1987”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.44

¹⁰³ *Ibidem*

No início dos anos ‘50, Távora “(...) indica uma terceira via para a arquitectura portuguesa, desvinculando-a dos tradicionalismos nostálgicos, não a entregando inteiramente às linguagens da modernidade mas conservando (...) uma sólida ligação com os princípios da construção tradicional.”¹⁰⁴ Nos projectos de Fernando Távora, revela-se um desenho que traduz uma investigação aprofundada dos métodos e materiais construtivos procedentes de uma lógica com o lugar, caracterizados por uma certa espontaneidade e sobriedade nas soluções. Conhece-se o fascínio por Corbusier e optimismo por um movimento moderno internacional que cedo, para Távora, revelou as suas fragilidades. Denota-se um assimilar dos novos materiais e possibilidades construtivas, fruto do seu tempo, numa arquitectura sensível à Obra de arquitectos como Frank Lloyd Wright, Alvar Aalto, Asplund e ainda à influencia de culturas coloniais patente, de forma muito marcante, na Quinta da Conceição (1956-1961).

Neste período incluem-se, entre outras, as obras do Mercado de Santa Maria da Faria (1953-1959), o Pavilhão de Ténis na Quinta da Conceição, em Matosinhos (1956-1960) e a Casa de Ofir (1957-58), onde se testemunha a mestria do desenho que associa num equilíbrio sábio, o passado e o presente.

• Um segundo período – balizado entre os anos ‘70 e finais dos anos ‘90 – no qual, alguma da presença que caracteriza a linguagem moderna nas suas obras, se esbate. Os projectos incidem, de forma mais reiterada, no campo de intervenção no património, dando a oportunidade de demonstrar, na prática, o significado da importância que tão precocemente atribuiu à história. “(...) Fernando Távora apelará também neste período mais recente da sua obra à criação de um conceito de património mais alargado e à sua recuperação a partir duma requalificação do desenho.”¹⁰⁵

Entre as obras mais marcantes deste período encontram-se, em Guimarães, a recuperação da sua Casa da Covilhã, na freguesia de Fermentões (1973-1976), a

¹⁰⁴ ESPOSITO, Antonio, LEONI, Giovanni, “Construção”, in *Eduardo Souto de Moura*, Barcelona: Gustavo Gili, 2003, p.33

¹⁰⁵ FERRÃO, Bernardo José, “Tradição e Modernidade na Obra de Távora 1947/1987”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.44

intervenção no antigo Convento de Santa Marinha da Costa (1975-1984), e o Plano Geral de Urbanização (1980-82); em Cabeceiras de Basto, a intervenção no Convento de Refóios (1987-1993) e, no Porto, a 'Casa dos 24' (1995-2002). É precisamente neste período que se contextualiza a Casa de Pardelhas (1994-1999). No conjunto da sua obra, neste segundo período, o antigo Convento de Santa Marinha da Costa é fundamental como projecto charneira a partir do qual consegue “(...) inserir dialecticamente a sua arquitectura num processo formal contínuo e temporalmente extenso, dominando criativamente as invariantes deste processo, à semelhança do ocorrido ao longo da história das nossas construções, religiosas e civis, rurais e urbanas, sucessivamente transformadas e enriquecidas através de novas contribuições que mantêm, em cada caso, um espírito comum.”¹⁰⁶ Esta intenção percebe-se não só quando Fernando Távora se refere ao Convento de Santa Marinha da Costa, “Assim se inicia, se percorre e se continua, em permanente transformação, a vida de um edifício durante onze séculos, na certeza de que outros séculos virão e com eles outras transformações...”¹⁰⁷ mas também através do seu desenho que “evoca sempre o passado: evoca-o naturalmente quando recupera um edifício ou quando acrescenta algo de novo a uma velha construção, mas evoca-o também quando constrói da raiz ou aborda a temática da cidade. (...) sem concessões miméticas ou pitorescas, num processo formal temporalmente muito extenso e que poderia chamar-se de *tradição arquitectónica portuguesa*.”¹⁰⁸

¹⁰⁶ FERRÃO, Bernardo José, “Tradição e Modernidade na Obra de Távora 1947/1987”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.44

¹⁰⁷ TÁVORA, Fernando, “Convento de Santa Marinha”, *Ibidem*, p.116

¹⁰⁸ FERRÃO, Bernardo José, “Fernando Távora”, in *Roteiro*, Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1993, p.11



PERFIL

O que se pretende expor, através de citações de Fernando Távora e diversos contemporâneos, é a essência do pensamento revelador da qualidade arquitectónica que se materializa na Obra de Távora.

- Com Távora não há lugar para o esquecimento ou negação.

“Arquitecto moderno, à sua modernidade sempre repugnou porém ignorar, esquecer ou destruir, pois na sua obra os valores desta modernidade sempre ombrearam, nostalgicamente, com ao da tradição; é portanto no quadro duma relação dialéctica entre presente e passado que importa entender a progressiva inserção da arquitectura de Távora (...).”¹⁰⁹

- O arquitecto vai absorvendo a informação que o rodeia e transforma as memórias em composto, tal como expressa a sua arquitectura.

Fernando Távora salienta a noção de “composto como junção das partes, em que cada elemento mantém intacto o seu carácter” aplicando-a à Arquitectura que pretende praticar, em contraposição à “mistura, entendida como amálgama, miscelânea,

¹⁰⁹ FERRÃO, Bernardo José, “Fernando Távora”, in *Roteiro*, Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1993, p.11

desvirtuamento, (...).”¹¹⁰

“(…) [Na Casa de Ofir] procuramos exactamente, que ela resultasse um verdadeiro composto e, mais do que isso, um composto no qual entrasse em jogo uma infinidade de factores, de valor variável, é certo, mas todos de considerar (...)”¹¹¹

- Não nega um estilo e opta por outro, não se submete a formalismos ou pré-conceitos.

Fernando Távora explica que, para si: “o 'estilo' não conta, conta, sim, a relação entre a obra e a vida; o estilo é o resultado dessa relação (...)”¹¹²

“A sua arquitectura não se refere a este ou aquele arquitecto, esta ou aquela obra ou época, abarca toda a dimensão da memória.”¹¹³

“Para Távora o projecto é sempre um instrumento de clarificação e revalidação de um território construído e cultural que é necessário não perder... Sendo 'lições de história', os projectos de Távora assumem-se também como lições de utilidade da presença da História, sem que isso se traduza em instrumentalização mas sem que, tão-pouco, se assuma como mera ilustração. Távora é talvez o menos formalista dos arquitectos portugueses de hoje – mas é simultaneamente o que melhor compreende o sentido das formas na sedimentação do território.”¹¹⁴

¹¹⁰ TOSTÕES, Ana, “Um composto e uma mistura: homenagem a Fernando Távora”, in *JA - Jornal Arquitectos* n.º 220-221 (Jul-Dez), Lisboa: Caleidoscópio, 2005 p.49

¹¹¹ TÁVORA, Fernando, “Ofir”, in TOUSSAINT, Michel, *Casa de Férias em Ofir*, Lisboa: Editorial BLAU, 1992

¹¹² ALVES COSTA, Alexandre, “Legenda para um desenho de Nadir Afonso”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.19

¹¹³ *Ibidem*

¹¹⁴ *Ibidem*

- Valoriza cada objecto como produto do pensamento de uma determinada época, porém a ser lido no âmbito do tempo presente.

“Tudo há que refazer, começando pelo princípio.”¹¹⁵ Construir o novo em nome de aspirações formuladas a partir de novas realidades do nosso tempo, numa afirmação simples de fidelidade ao Movimento Moderno.

“Tínhamos que fazer uma arquitectura realista, isto é: saber o que necessitamos, saber como somos, saber o que podemos fazer e fazê-lo.”¹¹⁶

“A expressão arquitectónica deixava de ser uma 'colagem' de um 'código formal' para ser o reflexo da vida contemporânea, das reais necessidades materiais e espirituais dos povos, numa determinada região.”¹¹⁷

- Não esquece as noções passadas de proporção e da importância da sensibilidade e intuição no desenho, que tem vindo a ser sedimentada desde há muito pela transmissão de conhecimento e vê a importância da evolução arquitectónica como uma lealdade ao Homem do seu tempo.

Alexandre Alves Costa com o mote: “[Távora] traz a História para o estirador”¹¹⁸ reafirma uma vez mais a afirmação em que Fernando Távora refere que: “(...) a História vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna

¹¹⁵ TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”, in *Cadernos de Arquitectura*, nº1, Lisboa: Manuel João Leal, 1947, p.9

¹¹⁶ ZABALBEASCOA, Anatxu, “Con más dinero se construye con menos vergüenza” in *EL PAÍS*, España, separata Babelia, Sábado 14 Outubro de 2000, p.21

¹¹⁷ ALVES COSTA, Alexandre, “Legenda para um desenho de Nadir Afonso”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.19

¹¹⁸ SALEMA, Isabel, “O reinventor da arquitectura moderna com sabor local”, in *Público*, Domingo 4 Setembro 2005, p.41

um auxiliar e não uma obsessão”¹¹⁹ e que “É indispensável que na história das nossas casas antigas ou populares se determinem as condições que as criaram e desenvolveram, fossem elas condições da Terra, fossem elas condições do Homem, e se estudem os modos como os materiais se empregaram e satisfizeram as necessidades do momento.”¹²⁰

Segundo Ana Tostões “(...) [Távora] soube trabalhar com o que já existia, fazendo novo”¹²¹ e esse novo era, como disse Fernando Távora em 1947, a “(...) Architectura Moderna, (...), a única Architectura que poderemos fazer sinceramente (...).”¹²²

“A sua obra nunca abandonou a fidelidade afirmada, amadureceu nela como o seu autor. (...), transformou a fidelidade em coisa inclusiva e não exclusiva. Daí a sua continuidade e a sua coerência e sobretudo a sua permanente contemporaneidade.”¹²³

• Mais que o esteticamente popular aprecia a filosofia do pensamento. Não se prende a gostos efêmeros mas à razão que prevalece e harmoniza o espaço. Sobre a Vénus de Milo, suas memórias passadas, foi-se sedimentando uma aprendizagem de toda uma vida erudita.

Falando sobre si, Távora diz: “o arquitecto tem a sua formação cultural, plástica e humana (para ele, por exemplo, a casa não é apenas um edifício), conhece o sentido dos termos como organicismo, funcionalismo, neo-empirismo, cubismo, etc.”¹²⁴ indo de

¹¹⁹ TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”, in *Cadernos de Architectura*, nº1, Lisboa: Manuel João Leal, 1947, p.7

¹²⁰ *Ibidem*, p.11

¹²¹ SALEMA, Isabel, “O reinventor da arquitectura moderna com sabor local”, in *Público*, Domingo 4 Setembro 2005, p.41

¹²² TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”, in *Cadernos de Architectura*, nº1, Lisboa: Manuel João Leal, 1947, p.6

¹²³ ALVES COSTA, Alexandre, “Legenda para um desenho de Nadir Afonso”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.17

¹²⁴ TÁVORA, Fernando, “Ofir”, in TOUSSAINT, Michel, *Casa de Férias em Ofir*, Lisboa: Editorial BLAU, 1992

encontro ao pensamento de Vitruvius que “no capítulo *De Architectis Instituendis* referia a geometria, a óptica, a aritmética, a história, a filosofia, a música, a medicina, a jurisprudência e a astrologia como disciplinas a que o arquitecto não deveria ser alheio...

Num mundo e numa profissão em que, como dizia Bakema, *a relação entre as coisas é mais importante do que as próprias coisas*, parece-me grave pensar na formação de 'arquitectos especialistas'. ”¹²⁵

Fernando Távora afirma que há uma multiplicidade de factores a considerar num projecto de arquitectura, “uns (...) exteriores ao arquitecto, outros pertencentes à sua formação ou à sua personalidade.”¹²⁶

“A sua arquitectura, aparentemente simples, é o resultado de um composto de várias correntes, personagens, tendências e acontecimentos. Para ele a posição do Arquitecto era de um «permanente aluno e de permanente educador (...)»¹²⁷ que, à medida que experienciava, ia enriquecendo o seu léxico arquitectónico expresso no desenho seu eclético.

• A beleza da sua obra não reside apenas na continuidade das paisagens, jardins do mundo, e da história, onde se contempla a Vénus de Milo, mas também no estirador onde Távora, tal como Picasso, reinventa uma vez mais o desenhar.

“A sua lição fundamental decorre simplesmente da sua capacidade única para distinguir o essencial do supérfluo ou circunstancial.”¹²⁸

“A pedagogia de Fernando Távora, não tem a ver com modelos, respostas sistemáticas, *know how*. Não exclui ferramenta. Mas tem a ver com condição humana,

¹²⁵ TÁVORA, Fernando, “Pela especialização generalista” in *JA - Jornal Arquitectos* n.º 27/28/29 (Abr./Mai./Jun.), Lisboa: AAP, 1984 p.5

¹²⁶ TÁVORA, Fernando, “Ofir”, in TOUSSAINT, Michel, *Casa de Férias em Ofir*, Lisboa: Editorial BLAU, 1992

¹²⁷ TOSTÕES, Ana, *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos cinquenta*, Lisboa: FAUP, 1997

¹²⁸ TÁVORA, Fernando, *Teoria Geral da Organização do Espaço: Arquitectura e Urbanismo*, Porto: FAUP, 1993, p.VII

abertura, prudência, compreensão, permissividade por vezes, dúvida, vontade, intransigência. Um leque de contradições a que não bastaram 180°, do qual nascem lições de Architectura.”¹²⁹

O objectivo de Fernando Távora foi o de tentar elaborar “um método e não uma transmissão ou defesa de um código formal”¹³⁰ e “é o seu método, o desenho do seu processo de desenho que ensina mais do que a sua obra.”¹³¹

“Daí que em toda a boa Architectura exista uma lógica dominante, uma profunda razão em todas as suas partes, uma íntima e constante força que unifica e prende entre si todas as formas, fazendo de cada edifício um corpo vivo, um organismo com alma e linguagem próprias.”¹³²

“(…) Architectura tem qualquer coisa de cada um porque ela representa todos, e exactamente será grande, forte, viva, na medida em que cada um possa rever-se nela como um espelho denunciador das suas qualidades e defeitos.”¹³³ Fernando Távora leva-nos a crer que nutre a mais profunda admiração por estas qualidades, valorizando o resultado estético em consonância com o pensamento que revele utilidade para a compreensão e expressão na evolução dessa mesma Sociedade.

¹²⁹ SIZA, Álvaro, “A Propósito da Architectura de Fernando Távora”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.69

¹³⁰ TÁVORA, Fernando, *Teoria Geral da Organização do Espaço: Architectura e Urbanismo*. Porto: FAUP, 1993, p.X

¹³¹ ALVES COSTA, Alexandre, “Legenda para um desenho de Nadir Afonso”, in TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Editorial BLAU, LDA, 1993, p.19

¹³² TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”, in *Cadernos de Architectura*, nº1, Lisboa: Manuel João Leal, 1947, p.8

¹³³ *Ibidem*, p.10



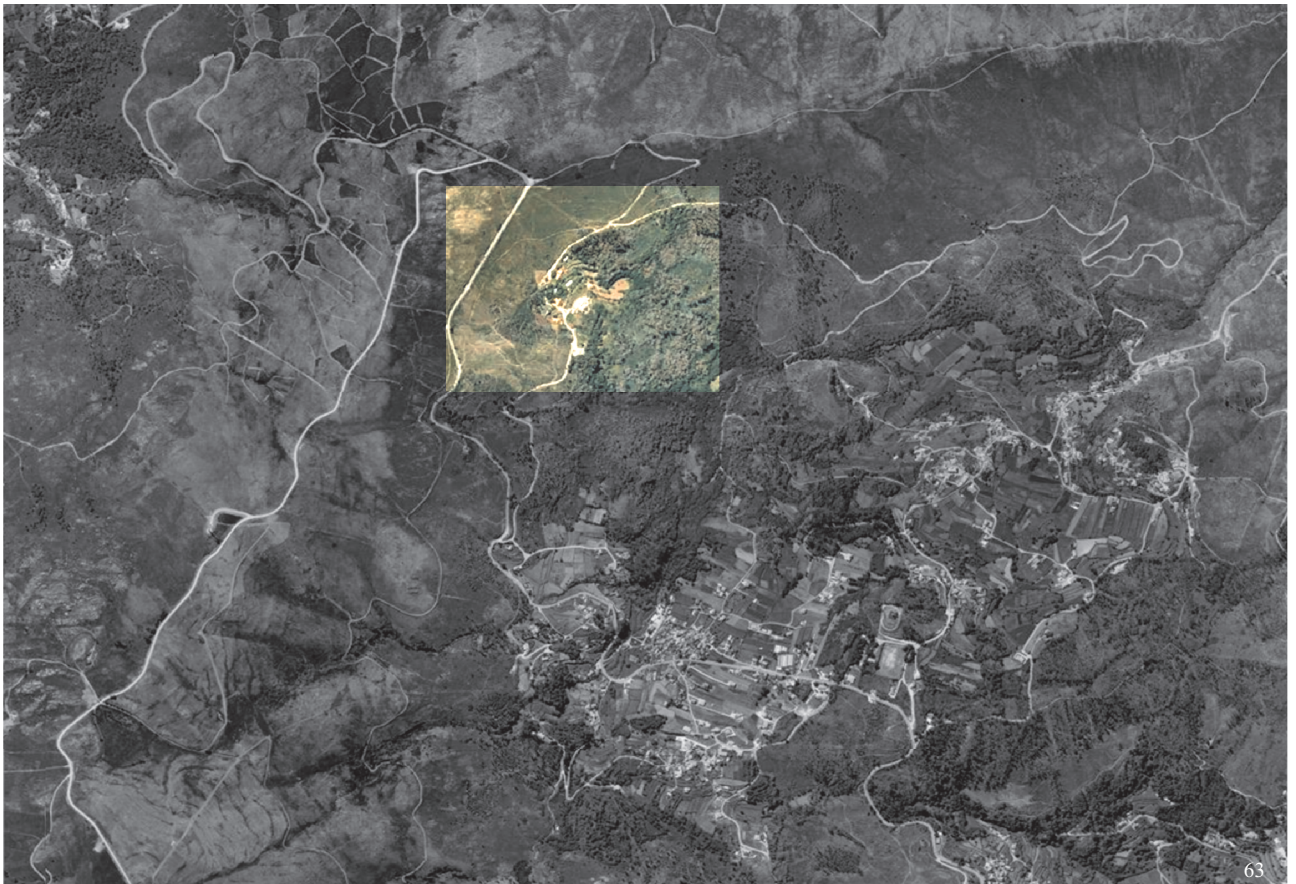
Localização e Pré-existência

O conjunto agrícola, intervencionado (1994-1999) por Fernando Távora, localiza-se em Vila Nova de Cerveira, norte de Portugal, numa zona montanhosa formada pelas serras da Gávea, Salgosa e Covas, limitada a Norte pelo Rio Minho e a Sul pelo Rio Coura. A altitude acima dos 300 metros e a geomorfologia, definem o povoamento como sendo de montanha. Esta construção da Arquitectura Popular encontra-se, mais precisamente, no lugar de Pardelhas, num ponto intermédio da pequena serra denominada Costa de Pardelhas “[na zona alta] de sequeiro, onde o gado é um dos sustentáculos principais da vida do serrano. A construção limita-se praticamente à casa e ao curral [ou pátio]; onde o milho aparece, aparecem também os espigueiros e as eiras, o que acarreta, (...), o enriquecimento das formas construtivas.”¹³⁴

A Casa de Pardelhas insere-se num pequeno agrupamento de casas que, segundo o proprietário anterior, seriam, há um século atrás, pertencentes a uma só família de agricultores. Adossado à construção vizinha, pela fachada a Norte, o edifício estabeleceria, continuidade com os telhados contíguos que se estendem em suave pendente, tal como agora acontece. A cobertura, em telha de canudo, é rematada pelos “tectos de folhagem”¹³⁵

¹³⁴ TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4ª ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p.29

¹³⁵ *Ibidem*, p.38



63

das árvores circundantes, que dão ao conjunto “um ar aninhado, imerso na paisagem. [Neste tipo de construções] esta impressão sai reforçada pelo costume de acavalar a residência em qualquer acidente do terreno.”¹³⁶ Aqui a pendente foi aproveitada para instalar as lojas¹³⁷ e reduzir os degraus de acesso ao piso onde seria a moradia. Foi a ruína em granito, matéria prima predominante no Minho, que testemunhou esta realidade vivida no lugar de Pardelhas. “O cunho primitivo de hábitos de vida ensimesmada [ressalta] da construção espessa onde só surgem à luz do dia os materiais lícitos, únicos capazes de durar e envelhecer lentamente. E assim permanecem séculos na sua forma quase inalterável, assentes na fraga que lhes serve de fundação (...).”¹³⁸

¹³⁶ TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4ª ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p38

¹³⁷ Lojas – dependências onde se encontram as cortes dos animais, a tulha (ou celeiro) e outras dependências de apoio à lavoura.

¹³⁸ TÁVORA, Fernando, PIMENTEL, Rui, MENÉRES, António, “Zona 1”, in AFONSO, João, MARTINS, Fernando, MENESES, Cristina (coord. edit.), *Arquitectura Popular em Portugal*, 4ª ed., Lisboa: Centro Editor Livreiro da Ordem dos Arquitectos, vol.1, 2004, p.31

